

## RELAÇÕES DE PARENTESCO E DE PROPRIEDADE NOS ROMANCES DO "CICLO DA CANA" DE JOSÉ LINS DO REGO

---

JOSÉ SÉRGIO LEITE LOPES

### INTRODUÇÃO (\*)

Os romances de José Lins do Rego que constituem o chamado "ciclo da cana" nos fornecem elementos descritivos da "família patriarcal tradicional" brasileira em sua decadência. Através desses elementos se pode discutir e avaliar as teses comumente aceitas sobre esse tipo de família e a anulação da família dos trabalhadores que ela acarreta. (cf. Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior).

Os romances descrevem a composição e funções da família da casa-grande e a mudança em seu papel correlativamente às transformações econômicas da área, a decadência dos engenhos e surgimento das usinas. Existem também elementos descritivos da família dos trabalhadores.

As descrições da família da casa-grande e da família dos trabalhadores não são no entanto homogêneas, e diferem segundo o tipo de narrativa dos diferentes romances (narração na primeira pessoa, por um personagem; narração na terceira pessoa, pelo autor). Nos romances *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*, toda a vida do engenho é vista através do personagem Carlos de Melo, membro da

---

(\*) Desejo agradecer aqui as valiosas sugestões do professor Moacir Palmeira e de Rosilene Alvim e do professor Roberto da Matta, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — Museu Nacional — U.F.R.J.

família da casa-grande, neto do "patriarca", e seu sucessor. Nos romances *Moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo Morto*, o autor se coloca alternativamente do ponto de vista de diversos personagens, inclusive de trabalhadores (o moleque Ricardo e o morador, mestre Zé Amaro). Essas duas "situações de entrevista" (termo empregado aqui apenas como imagem) condicionam as descrições dadas pelo autor. Enquanto no primeiro grupo de romances o autor aprofunda a visão que tem o personagem Carlos de sua família e subsidiariamente dos trabalhadores, no segundo grupo o autor analisa "de dentro" as diferentes imagens de família e de classe que têm os diferentes grupos sociais dentro do engenho.

Neste trabalho, interessa-nos analisar: 1) os dados apresentados nos romances sobre a família da casa-grande no engenho, as relações entre as diferentes famílias nucleares dos engenhos, e finalmente as relações entre essas famílias e as famílias dos trabalhadores; 2) a mudança no papel da família com relação às situações de engenho, engenho em decadência e usina. A situação particular das famílias descritas por José Lins, mesmo quando "anormais", com relação às outras famílias da mesma classe, podem fornecer elementos para o esclarecimento da regra.

## 1 — A FAMÍLIA NO ENGENHO

### a) *A família do Santa Rosa*

Nos primeiros romances do "ciclo da cana", a família de casa-grande de engenho por excelência, aparece à primeira vista como sendo a família residente no engenho Santa Rosa. Esse conjunto de pessoas ligadas entre si, por laços de parentesco, tem por chefe o coronel Zé Paulino, que tem uma ascendência política sobre o resto da família, instalada geralmente em engenhos vizinhos, e o domínio político do município. (cf. *Fogo Morto*).

O primeiro emprego do termo "família" refere-se a um conjunto de pessoas tendo relações consanguíneas ou afins (Sinhazinha, cunhada de Zé Paulino) e residentes na mesma casa-grande de um engenho (1). O segundo emprego refere-se a uma família extensa,

(1) A unidade familiar parece ser dada pela casa e não pelo engenho, visto que um engenho pode ser partilhado em duas famílias nucleares (caso dos "engenhos novos") ou pode haver duas casas em um engenho, como a casa de D. Inês, distinta da casa-grande do Santa Fé. (cf. *Usina*). A divisão do engenho parece funcionar diferentemente, segundo a consanguinidade ou a afinidade, conforme teremos oportunidade de ver adiante. No caso do filho, o senhor de engenho o divide com ele seu engenho, assistindo-se então à formação de um "engenho novo", ou não divide, e então o filho não tem função ativa no engenho e aguarda apenas a sucessão (como exemplo de caso de não divisão: Zé Paulino com relação a Juca e depois Carlos). No caso do genro co-residente, o senhor de engenho não divide seu engenho mas dá terras para ele administrar (por exemplo Capitão Tomás com relação a Lula).

tendo uma ascendência comum — o avô de Zé Paulino — e residindo de forma “contígua” (Oliveira Vianna) em engenhos próximos.

Segundo o próprio Zé Lins, podemos iniciar esse trabalho através da análise da família do Santa Rosa, visto que ela tem um papel de dominação sobre toda a família extensa. As lacunas ou “anomalias” na estrutura dessa família nuclear com relação às famílias nucleares de outros engenhos podem ser, elas próprias instrutivas. A evolução do Santa Rosa é acompanhada pelo personagem Carlos de Melo, que é dos nossos principais “informantes”, visto que os três primeiros romances do ciclo são narrados através de sua pessoa. A própria evolução do personagem faz um paralelo à evolução da família, e parte da destruição da família enquanto ligada à propriedade independente da terra, está ligada à destruição do personagem. A segunda parte da destruição da família será conduzida pelo personagem Juca.

A vida de Carlos de Melo será marcada pela destruição de sua família nuclear: sua mãe é assassinada pelo pai, que enlouquece e é recolhido ao hospício, onde virá a morrer, ainda na infância de Carlos, quando ele está na escola (Doidinho). Carlos é trazido da cidade para a família materna, onde seu avô é senhor de engenho do Santa Rosa. Na reconstrução da família nuclear, feita por Carlos, seu novo pai é representado pelo avô enquanto sua nova mãe, a tia Maria, irmã da mãe, está deslocada uma geração abaixo da do novo pai. Ainda em *Mentno de Engenho*, tia Maria, que é a pessoa que lhe tem mais afeto e que se torna sua segunda mãe, casa-se e segue as regras da patrilocalidade: (2) seu marido, um primo do engenho Gameleira, a leva para seu engenho. A precariedade de sua segunda mãe é ressentida por Carlos que a perde com o seu casamento: sente que a sua “mãe”, solteira, quando avança no sentido de se tornar mãe, através do casamento, deixa ao mesmo tempo de ser mãe para ele. Assim o dia do casamento de tia Maria é um dia negro para Carlos (capítulo 27 de *Mentno de Engenho*). Quando nasce a primeira criança de tia Maria, uma filha, a incompatibilidade entre o papel de segunda mãe e o de verdadeira mãe se torna mais clara para Carlos: “Mas tia Maria me perguntava umas coisas por perguntar, sem interesse por mim. Sem dúvida que agora seria toda para a sua filha. Tinha sido somente a minha mãe postiça. Abandonara-me pelo ma-

---

(2) As regras de residência, no entanto, devem ser nuanceadas e articuladas com as regras de herança e de poder. Assim a patrilocalidade é apenas uma tendência. Na constituição de uma aliança, sua preferencialidade em constituir-se dentro ou fora da família extensa (endogamia ou exogamia com relação à família extensa) varia segundo as conjunturas. Quando ela se dá fora da família extensa, deve-se levar em conta na explicação da residência, o peso político das duas famílias: se a aliança se dá entre duas famílias extensas poderosas ou se ela se dá entre uma família extensa poderosa e outra não poderosa.

rido. Avalies então com a filha saída de suas entranhas. Aquela ternura pelo Carlinhos, aqueles cuidados, aqueles dengos, teriam sido mais exercícios que ela fizesse para a verdadeira maternidade". (*Doidinho*, capítulo 22).

Resta a "madrasta", tia Sinhazinha, da geração de seu avô, irmã de sua avó, que assume para Carlos toda a repressão que poderia conter uma figura materna. Resta ainda, na maternidade difusa reconstruída por Carlos, suas relações complementares (à "segunda mãe" e à "madrasta") com as regras da cozinha e da antiga senzala: a ama de leite de sua mãe, a negra Generosa; Avelina, mãe do moleque Ricardo; vovó Galdina, que criou o próprio Zé Paulino e que val para o Santa Rosa quando do inventário do sogro de Zé Paulino (fato para o qual aponta Oliveira Vianna quando inclui em sua categoria "clã parental" as mães de leite e os filhos naturais da família da casa-grande). (3)

Com a perda de sua segunda mãe, a Tia Maria, cresce mais a figura de seu segundo pai, seu avô.

No colégio interno e diante dos colegas a figura de Zé Paulino assume cada vez mais o papel de pai para Carlos. É a Zé Paulino que ele deseja que vá visitá-lo nos dias de folga, são as façanhas e riqueza do avô que Carlos evoca para contrapor aos colegas que se gabam dos respectivos pais. É com o avô que Carlos sonha no colégio: "E sonhei. Andava por uma estrada, e ali fora encontrar o velho Zé Paulino. Quería falar com ele, e não consentiram." "Para onde vocês levam ele?" "O coronel morreu", diziam. Mas não via caixão. Corria para junto dele, e as minhas pernas estavam enterradas. Então o velho diz: "Deixai o menino vir, é dele o reino dos céus." E, por mais força que fizesse, não me largava do canto em que estava. Aí uma pessoa gritou: "Amarrem uma pedra no pescoço do coronel e saçam no açude." Acordei aos berros, com a satisfação de reconhecer a mentira do sonho." (*Doidinho*, capítulo 6). (4)

Mas, com a descoberta pelos colegas da história de seus pais, a

---

(3) É interessante perguntar-se se essa maternidade difusa de Carlos não aponta para a regra de maternidade na casa-grande. O papel das amas de leite e negras da cozinha nessa maternidade parece sugerir que a maternidade difusa na família da casa-grande é complementar à paternidade difusa da família de escravos. O caso de Carlos, sendo um caso-limite (família nuclear destruída), parece melhor revelar a regra, pois para essa maternidade, tendo um caráter excepcional com relação ao modelo de família nuclear da ideologia dominante, burguesa, um caso extremo parece mais ilustrativo que um caso médio.

(4) Esse sonho que antecipa a imagem futura que fará Carlos a respeito da amizade recíproca entre ele e seu avô, sua predileção pelo neto com relação a outras pessoas da família (em particular Juca). "É dele o reino dos céus" — a sucessão do avô é dada a Carlos, mas ele não consegue mover-se para salvar a propriedade da família. O sonho parece mostrar a competição pelos favores do "pai", e mesmo que Juca não apareça explicitamente no sonho, a disputa pelos favores de Zé Paulino por parte de Carlos, se dá contra ele. O sonho faz sentir a co-optação de Carlos por Zé Paulino.

figura de Zé Paulino não consegue apagar como pai os aspectos negativos de seu verdadeiro pai: "Eu estava entre eles como um que não podia levantar a voz, que não tinha em casa um pai para competir com os deles. O velho Zé Paulino seria um substituto poderoso, cheio de dignidade, porém não me salvaria do opróbrio de um assassino." (*Doidinho*, capítulo 14).

Assim a destruição brusca de sua família nuclear original atormenta a infância de Carlos, faz dele um menino nervoso, receoso da hereditariedade da loucura do pai, merecedor do apelido de "doidinho". (5)

Além dos três personagens da "família nuclear reconstruída" de Carlos já apresentados (Zé Paulino, tia Maria e Sinhazinha), existe um quarto elemento, que é o irmão da mãe, tio Juca, personagem que, amigo de Carlos na sua infância, torna-se seu inimigo na fase adulta, quando da sucessão do avô. Em função de seu novo "pai", seu avô, Carlos como que sobe uma geração e o tio Juca é como um irmão mais velho. Espécie de braço direito de Zé Paulino, no romance *Fogo Morto*, Juca aparece no entanto apagado pelo pai nos romances anteriores. É como um elemento redundante em relação ao pai, embora seja seu sucessor. Essa redundância não deixa de ser uma característica comum entre Juca e Sinhazinha, esta última redundante em relação a tia Maria. Com efeito, Sinhazinha necessita recriar para si uma nova função social que antes do casamento de tia Maria é dificultada pela existência da sobrinha em casa. Tendo se separado do marido, o coronel Quincas do Engenho Novo — homem de importância política no município, que a "baniu" para a casa da irmã, trazendo-a amarrada num carro-de-boi — Sinhazinha combate a sua situação de "exilada" no Santa Rosa externando um autoritarismo repressivo sobre a cozinha, a despensa e as crianças, domínio da mulher na casa-grande. Após a morte da irmã, D. Janoca, essas funções recriadas provavelmente crescem. "Provavelmente", pois D. Janoca é um personagem que nunca aparece: já é falecida nos três primeiros romances e é somente mencionada em *Fogo Morto*, que cobre um período anterior da história do Santa Rosa. A própria substituição de D. Janoca é partilhada pela filha ainda solteira (6), tia Maria, e pela irmã, Sinhazinha, embora as duas cumpram as

- (5) Esses tormentos de infância com relação ao problema de sua paternidade, é interessante notar-se, vão surgir no colégio, sugerindo um conflito interno de Carlos, resultante de um conflito entre as regras diferentes de paternidade segundo a família conjugal urbana e a família extensa para os problemas que Carlos sente no colégio. Do ponto de vista da família extensa dos engenhos, Zé Paulino é de qualquer forma o primeiro pai de Carlos, mesmo se seu pai fosse vivo, devido à estrutura de poder dentro da família extensa.
- (6) Solteira, e ao que parece, sobrevivente: suas irmãs Clarisse (mãe) de Carlos é assassinada pelo marido, na cidade onde mora, e sua irmã Mercês morre de parto. Deve-se notar que no único cerimonial que aparece nos romances enquanto ela é solteira, a "visita" do cangaceiro Antônio Silvino, é ela que faz as honras de senhora da casa-grande no jantar "oferecido" ao bando, e não Sinhazinha.

mesmas funções de forma antagônica. Tia Maria cuidando da cozinha, das crianças (Carlos, primos) e exercendo a função assistencialista aos moradores, que cabe à mulher da casa-grande. Sinhazinha cuidando da casa, de forma repressiva. A primeira é adorada pelas crianças e pelos moradores na medida em que a segunda é detestada. (7)

Se Juca é “redundante” com relação a Zé Paulino (no que concerne à direção do engenho, não no que concerne à sua sucessão) e Sinhazinha é “redundante” com relação a tia Maria, no entanto são os elementos da geração logo acima de Carlos que abandonam o Santa Rosa devido ao casamento, e são os elementos da segunda geração acima de Carlos que permanecem. Essa saída do engenho pelo casamento não tem, no entanto, as mesmas repercussões para tia Maria e tio Juca. Enquanto a primeira obedece à regra da patrilocalidade, casando-se com um primo de um engenho próximo que a leva para lá, o segundo ao contrário casa-se e vai para um engenho dado pelo sogro, ao invés de trazer a mulher para o Santa Rosa. Dessa forma ele tem meio caminho andado para a perda da sucessão do Santa Rosa (que pula para a geração de Carlos que é a geração residente no engenho), além da censura da família. (cf. nota 2).

É interessante notar-se que, do ponto de vista de Carlos, tanto na geração do avô como na geração da mãe, ele tem um parente “amigo” e um parente “inimigo”, um parente que assume (mesmo que seja apenas durante parte da vida de Carlos) o lugar do pai ou da mãe, e um parente que assume o lugar de receptor de seu ódio, seja na infância (Sinhazinha) seja na idade adulta (Juca):

	+	-
1. <sup>a</sup> geração	Pal da mãe (Zé Paulino)	Irmã da avó (Sinhazinha)
2. <sup>a</sup> geração	Irmã da mãe (tia Maria)	Irmão da mãe (tio Juca)

- (7) Se Sinhazinha e Tia Maria estão em diferentes gerações — o fato da velhice podendo explicar à primeira vista a maior marginalização da primeira — ambas, no entanto, são “a mulher” do senhor de engenho, partilhando as duas faces da senhora de engenho, em duas pessoas, quando geralmente essas faces pertencem a uma só pessoa: o aspecto repressivo e mediador ao mesmo tempo da senhora de engenho, e que constitui sua ambiguidade. A maior marginalização de Sinhazinha e a escolha de Tia Maria (e não Sinhazinha) para ser “mãe” de Carlos — quando o “pai” é Zé Paulino — podem também ser explicados pelo fato de Sinhazinha ser cunhada co-residente de Zé Paulino, que geralmente é uma figura como tabu, além de ser casada (embora separada). Tanto é que com o casamento de Tia Maria e sua saída do engenho, Sinhazinha assume todo o lugar de senhora de engenho, mais ainda que Zé Paulino e ela sendo velhos, o problema do tabu (incesto) é contornado.

O "positivo" e o "negativo" acima referem-se não somente à amizade de Carlos, como à "normalidade" e à obediência às regras do parentesco da sociedade em que os personagens estão inseridos. Além de serem respectivamente segundo pai e segunda mãe de Carlos, Zé Paulino e tia Maria têm seus lugares de senhor de engenho e senhora de engenho obedecendo às regras de residência que o sistema de parentesco exige (tia Maria indo para o engenho do marido). Enquanto isso, Sinhazinha fracassa como senhora de engenho, separando-se do marido e indo morar na casa da irmã e Juca só consegue ser senhor de engenho desobedecendo às regras de residência. E ambos são "inimigos" de Carlos. (8) Ainda mais: pelo fato de serem "redundantes" em relação a Zé Paulino e tia Maria, que ocupam as posições importantes na família e no engenho — senhor de engenho, dono da casa; senhora de engenho, dona da casa — isto é, pelo fato de Juca e Sinhazinha somente ocuparem essas posições quando do desaparecimento dos dois outros (Sinhazinha no lugar de tia Maria quando esta se casa; Juca no lugar de Zé Paulino, depois de sua morte e depois da falência de Carlos) ou então por vias "anormais" (Juca vai ser senhor de engenho com um engenho dado pelo sogro), eles são sempre "substitutos" — característica essa que é também a característica da "madrasta" e do "padrasto" em uma estrutura de família nuclear. Se Sinhazinha é vista explicitamente por Carlos como "madrasta", em oposição ao "pai" na primeira geração, Juca pode ser tido como "padrasto" em oposição à "mãe" na segunda geração, embora Carlos não o veja explicitamente como tal.

	Obediência às regras de residência	Desobediência às regras de residência
1. <sup>a</sup> geração	2. <sup>o</sup> pai de Carlos senhor de engenho (Zé Paulino)	"Madrasta" de Carlos separada do marido, morando com a irmã. (Sinhazinha)
2. <sup>a</sup> geração	2. <sup>a</sup> mãe de Carlos; vai ser senhora de engenho no engenho de seu marido	"Padrasto": adversário de Carlos na sucessão de Zé Paulino e vai morar no engenho do sogro. (Juca)
	Têm a afetividade de Carlos	Têm a inimizade de Carlos

(8) Deve-se notar também que o "positivo" e o "negativo" têm por referencial a Zé Paulino, figura dominante da família, e por extensão referem-se à amizade de Carlos cooptado por Zé Paulino. O "negativo" de Sinhazinha e Juca

O que se pode observar é que na casa-grande do Santa Rosa, não existe o casamento: Zé Paulino é viúvo (seu casamento foi desfeito pela morte da esposa), Sinhazinha é separada, tia Maria sai do Santa Rosa quando se casa, indo para o engenho do marido. Tio Juca também sai do Santa Rosa com o casamento, indo para um engenho dado pelo sogro, e finalmente Carlos — que vem substituir a Juca na sucessão do avô, devido à “deserção” do tio pelo engenho do sogro — não se casa. Além disso, as negras da cozinha, da antiga senzala, não constituem nunca uma família nuclear, por falta de marido estável — família matrifocal — maternidade “forte” — dos escravos e ex-escravos: as mulheres dão a coesão à família escrava, mantendo os filhos em torno de si, enquanto os homens circulam (9). No entanto, essa característica da família dos escravos ou ex-escravos que trabalham para a casa-grande (casamento instável) é uma característica tradicional, enquanto que para a casa-grande, ao contrário, a dificuldade na constituição de famílias nucleares pode refletir na estrutura familiar a decadência da ordem social dos engenhos, a dificuldade da reprodução de suas relações sociais.

Deve-se ponderar aqui, no entanto, que com relação ao não casamento (viuvez) de Zé Paulino, sua *viuvez* talvez sirva para introduzir e compor sua imagem de “patriarca” da família extensa, levando ao extremo a regra da patrifocalidade da família da casa-grande e do apagamento da senhora de engenho, e é como que o inverso da matrifocalidade da família escrava e do apagamento do marido-escravo. Talvez a própria escolha de Carlos para a sucessão de Zé Paulino possa ligar-se à sua característica de solteiro, representando assim a patrifocalidade acentuada necessária ao papel de “patriarca”. O casamento e o celibato na casa-grande teriam assim tendências contraditórias para o funcionamento da ordem social dos engenhos.

Para completar as relações de Carlos com os habitantes da casa-grande do Santa Rosa, deve-se mencionar suas relações com os moleques do engenho. Além das relações “materna’s” das negras da cozinha da casa-grande com relação aos filhos e netos dos senhores de engenho que beneficiam também a Carlos, as relações deste último com os moleques (filhos e netos das negras da cozinha, ou de outros moradores do engenho; interessante notar o termo moleque

---

está assim bastante referido a Zé Paulino: Sinhazinha por sintetizar em sua pessoa o tabu da cunhada co-residente, da mulher casada e rejeitada, e portanto do pertencer e não pertencer simultaneamente ao grupo nuclear de Zé Paulino: Juca por romper as regras de aliança que seu pai (caso seu sogro fosse mais poderoso, tal fato provavelmente não seria ruptura da regra).

(9) Cf. os artigos de Raymond Smith em “Caribbean Studies: A Symposium”, Vera Rubin (ed.), Seattle; University of Washington Press, 1960; e em “Sistemas de plantaciones en el Nuevo Mundo”, Seminário de San Juan, Puerto Rico, Washington: Union Panamericana, 1964.



para eles e não menino, como é o que o autor usa para Carlos: *Menino de Engenho*) são de amizade e de "fraternidade".

Quando Carlos descobre que perdeu sua segunda mãe, com o nascimento da filha de tia Maria, vai consolar-se com os moleques: "Sai do quarto para os moleques, que não mudavam nunca: a amizade ali era de sempre" (*Doidinho*, capítulo 22). Enquanto "menino de engenho", Carlos sentia-se feliz nos quartos da senzala onde dormiam as negras da cozinha e seus filhos: "era ali onde estávamos satisfeitos, como se ocupássemos aposentos de luxo" (*Menino de Engenho*, capítulo 22).

Além disso, os moleques têm na infância de Carlos um papel que nunca mais terão: "O interessante é que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar paggaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa" (*Menino de Engenho*, capítulo 22). (10)

Ainda na infância, Carlos inicia-se na atividade sexual com as negras do engenho: Luísa, Zefa Cajá. Essa atividade precoce, mal vista pelos parentes devido justamente a seu caráter precoce, era no entanto tolerada e admirada pelos homens da família: é a gênese antecipada das relações normais que têm os homens da casa-grande com as filhas de seus moradores. (11) "O dono da terra fizera mal. Os pobres lhe pagavam esse foro sinistro — a virgindade das filhas". (*Doidinho*, capítulo 8). (12)

---

(10) Essa "inversão", ligada ao ciclo de vida de Carlos e dos moleques (infância), além de mostrar pela excepcionalidade do fato ("O interessante é que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques") a regra de dominação sobre os moleques tornados adultos, mostra o contraste entre a situação de infância em que o contato direto com a natureza e seu domínio e a situação adulta em que o contato direto com a natureza é inerente à própria condição de dominado e é a mediação pela qual se exerce o domínio da natureza (e da organização social), pela classe dominante. No caso da infância, o contato direto com a natureza e o seu domínio pertencem aos mesmos agentes sociais — os moleques; enquanto que no caso adulto, ao contrário, o contato direto com a natureza é uma característica de um tipo de agente social — os "moradores" do engenho, os produtores diretos — mas o domínio da natureza, através das relações de produção e portanto através da dominação sobre os produtores diretos, é uma característica de outro tipo de agente social — os senhores de engenho. A iniciação sexual de Carlos marca também o início da transição entre a situação de "fraternidade" com os moleques e de "fillação" com as negras da cozinha na infância e a situação de dominação sobre os moradores na idade adulta.

(11) (Sendo também uma forma de afirmação da exogamia de classe, impedindo a quebra das proibições incestuosas endogâmicas).

(12) Mais uma vez, a paternidade forte da classe dominante se complementa com a matrifocalidade da classe dominada. Assim, as relações sexuais de Carlos com as "negras" (Zefa Cajá etc.) ao longo de seu ciclo de vida transformam-se em relações com pessoas situadas na classe dominada enquanto tal.

queria continuar a minha gente, ser também um senhor rural. Era bonito, era grande a sucessão do meu avô. Fazia cálculos, sentia orgulho em empunhar o cacete de patriarca do velho Zé Paulino. Seria um continuador" (capítulo 1, *Banguê*). Essa idéia esmorece com a confrontação à realidade da vida do engenho, e a inadaptação de Carlos a essa vida. Sua ambição restringe-se então à de ser apenas um intelectual *tout court* da família e oscila entre escrever uma biografia de Zé Paulino e descrever a vida dos moradores do engenho explorado por sua família (instigado por Maria Alice, uma visita da cidade). Nem esses desejos mais restritos são levados adiante e Carlos leva uma vida sem papel social definido, enquanto o avô é vivo. Sinhazinha cresce na casa-grande com a velhice e a invalidez de Zé Paulino. Ao contrário do que ocorre no Santa Fé (capitão Tomás com relação a Lula, seu genro) Zé Paulino não dá a Carlos nenhum pedaço de terra para incentivá-lo a sair da "preguiça" e tratar do que seria seu. (Cf. nota 1 deste trabalho).

Com a morte de Zé Paulino, Carlos chega a senhor de engenho pela sucessão do avô. Tio Lourenço, irmão do avô, é chamado a resolver a partilha: "O que vocês devem fazer é ficar cada um onde está. José Paulino deixou o bastante para todos ficarem bem". Juca e Carlos brigam pelo Santa Rosa, briga esta que chega até à justiça. Tia Maria e Sinhazinha ficam a favor de Carlos: "Depois que (Juca) se casara com gente daquelas bandas dera para brigar com todo mundo. Só levava as coisas para o mal. Tudo obra do sogro. Aquele casamento fora uma infelicidade" (capítulo 5). Carlos fica com o engenho.

No entanto, sem as qualidades dos senhores de engenho tradicionais, completamente desadaptado a seu novo papel social, Carlos enfrenta ainda a ascensão de um concorrente poderoso, interessado na absorção dos engenhos da área, e, em particular, do Santa Rosa.

A ascensão da usina vizinha vem completar o quadro da decadência do Santa Rosa, que é levada ao limite pela inaptidão de Carlos. O paralelismo entre a decadência da ordem social dos engenhos e a destruturação das relações familiares tradicionais é também representado de maneira acentuada na pessoa de Carlos, que, não controlando nem seus moradores, nem a ascensão do foreiro Zé Marelleira de moleque a concorrente mais forte, também não participa das trocas de mulheres pelo casamento entre famílias proprietárias. Apaixonando-se, ao contrário, por uma mulher casada, hóspede do Santa Rosa que o abandona em pouco tempo pelo marido, Carlos presta-se mais ainda aos comentários desfavoráveis e à indisposição da família.

Ameaçada a independência da família com relação à sua atividade econômica, é uma oportunidade propícia para que Juca proponha a fundação de uma usina da família, fazendo face à concorrên-

cia da Usina São Felix, como solução única para o impasse. Carlos, único elemento de sua antiga "família nuclear" reconstruída, ainda residente no Santa Rosa, parte de volta para a cidade, enquanto Juca assume o lugar que perdera quando da sua opção pela órbita do sogro.

b) *As famílias no engenho em decadência — Santa Rosa, Santa Fé e Zé Amaro*

É interessante observar-se os traços comuns entre as famílias mais detidamente descritas nos diversos romances, a família do Santa Rosa e a família do Santa Fé (*Fogo Morto*), para a observação da inter-relação entre a modificação na reprodução das relações sociais condicionada à mudança econômica na região (transformação engenho em usina, decadência de engenhos) e a estrutura familiar da casa-grande.

O Santa Fé é fundado por uma família nuclear, chefiada pelo Capitão Tomás, proveniente de uma família extensa de proprietários de fazendas de algodão e outros produtos no sertão. Essa nova família que se implanta na várzea, ao lado do Santa Rosa, tem uma evolução parecida à do engenho vizinho. O Capitão Tomás, senhor de engenho respeitado na várzea por sua ascensão social, defronta-se, como Zé Paulino, com os problemas da sucessão. Tendo tido apenas duas filhas, que mandou educar nos colégios da cidade, ele defronta-se com a primeira dificuldade sucessória, o fato de não ter filho homem. Para a filha mais velha, "prendada, bem educada", Amélia, é difícil arranjar-se um bom casamento, devido à inadequação rural dos pretendentes à menina socializada na cidade. Finalmente, um primo distante do Capitão Tomás, vindo da cidade passar algum tempo no engenho, resolve casar-se com Amélia. Ficam residindo no engenho, e para tentar quebrar a inércia para o "trabalho" (função de direção no campo) do genro, Capitão Tomás lhe dá um pedaço do engenho. Lula, o marido de Amélia, é um personagem que tem muitas semelhanças com Carlos: é a mulher que o liga ao engenho, assim como foi através de sua mãe que Carlos ligou-se ao Santa Rosa. É um personagem que vem de fora, da cidade, e não se adapta às funções de senhor de engenho, não consegue reproduzir a figura de seu antecessor, o Capitão Tomás (semelhanças com a problemática de Carlos em Banguê), levando o engenho à beira da falência. Tendo se expandido às custas da ineficiência econômica do Santa Rosa dirigido por Carlos, seu foreiro Zé Marreira, ex-moleque do eito de Zé Paulino, e novo *kulak*, depois de contribuir para a falência de Carlos, volta-se para o Santa Fé, comprando-o depois da morte de Lula.

A segunda filha do Capitão Tomás, Olívia, é louca. Com o casamento de Amélia, ela torna-se a única figura sem função social no

engenho Santa Fé. Ela ocupa assim uma posição que se repete nas famílias analisadas nos romances — a solteirona e/ou louca — a posição de Sinhazinha, de Dona Inês (cf. *Usina*), de D. Neném (filha de Lula e Amélia) e de Marta (filha de Zé Amaro).

O problema do capitão Tomás com relação às filhas — demora no casamento de Amélia, loucura de Olívia — se repete com relação a Lula: sua filha única, D. Neném, não consegue casar-se. Nesse sentido, o Capitão Tomás está para Olívia, assim como Lula está para D. Neném.

Parece existir portanto uma homologia entre os elementos da família de Santa Rosa e os da família do Santa Fé:

Santa Fé	Santa Rosa	Função Social
Capitão Tomás Mariquinha Lula-Amélia Olívia-Neném	Zé Paulino Janoca-Tia Maria -Sinhazinha Carlos-Clarisse Sinhazinha	Senhor de engenho Sra. de engenho Sucessão Sem função social

A figura de senhora de engenho é ocupada no Santa Rosa por D. Janoca até sua morte, quando assume tia Maria até seu casamento e depois Sinhazinha. Esta última só passa a ter função social por substituição, pois antes do casamento de tia Maria ocupa o lugar das "sem função social": as solteironas, loucas e "banidas" pelo marido. A semelhança de Lula com Carlos, se dá através do fato de que são as mulheres que os ligam à família e à sucessão do engenho. No entanto, o desenrolar da sucessão do senhor de engenho, no Santa Fé e no Santa Rosa, também faz com que Juca se assemelhe a Lula, e Carlos a Mariquinha.

Na sucessão do Capitão Tomás, surge uma disputa entre Mariquinha (senhora de engenho) e Lula, o genro, que é ganha por Mariquinha com o apoio da família do Ingá e dos engenhos da várzea. Somente com a morte de Mariquinha é que Lula assume a direção do engenho.

No caso da sucessão de Zé Paulino, a pessoa mais próxima ao inventariado é Juca, o filho do falecido senhor de engenho. Mas este perde a sucessão para Carlos, o neto, devido ao abandono do engenho por parte de Juca para viver em engenho do sogro. A hierarquia de sucessão nos dois casos é:

Zé Paulino/Capitão Tomás  
Juca /Mariquinha  
Carlos /Lula

O Santa Fé, sendo ele próprio uma família extensa (duas famílias nucleares de gerações sucessivas co-habitando), a sucessão segue a linha descendente na hierarquia normalmente. A sucessão é pleiteada pela senhora de engenho e ganha por ela (já que o genro, substituto do filho que o Capitão Tomás não teve, não consegue afirmar-se enquanto senhor de engenho), pois, apesar de ser mulher, ela não tem filho e sim genro (15). O Santa Rosa, no entanto, não tem nenhuma família nuclear completa, e a sucessão passa do filho para o neto, devido ao abandono pelo filho da patri-localidade. A sucessão não segue a hierarquia de proximidade de parentesco com relação ao falecido senhor de engenho, mas pula uma geração. A hierarquia efetiva é então:

Zé Paulino/Capitão Tomás  
 Carlos /Mariquinha  
 Juca /Lula

onde Juca e Lula assumem por substituição a Carlos e filho-inexistente — de — Capitão-Tomás — substituído — por Mariquinha, para ambos fracassarem em seguida: o primeiro como usineiro, o segundo como senhor de engenho (16).

Não é somente entre as famílias da classe dominante que aparecem semelhanças quando da decadência da ordem social dos engenhos. A família nuclear do mestre Zé Amaro, seleiro, morador do Santa Fé, apresenta características semelhantes à família da casa-grande. Zé Amaro, assim como Capitão Tomás e depois Lula, tem um grande sofrimento por causa de sua filha, que é sucessivamente solteirona e louca, ocupando posição análoga, primeiro a D. Neném, depois a Olívia. Além disso, Amélia e Sinhá (a mulher de Zé Amaro) assemelham-se pelo fato de terem casado tardiamente (evitando ficarem “moças-velhas”) e de serem ambas estéreis após o primeiro filho, o que as afastam de seus maridos ainda mais pelo fato de terem filhas únicas solteironas.

Morador	Casa-Grande
Mestre Zé Amaro Sinhá Marta	Capitão Tomás-Lula Amélia Olívia-Neném

(15) Nas disputas, Lula é considerado no Ingá e na Várzea, como o “genro mau”.

(16) Deve-se notar que Juca, como Lula, assumem a condição de senhor de engenho através de suas mulheres. Carlos também pode almejar a posição de senhor de engenho devido aos laços que o ligam à propriedade através de sua mãe. As mulheres parecem ser um “recurso estratégico” para o acesso à propriedade.

Assim como Capitão Tomás e Lula não têm filhos homens a quem passar a direção da propriedade, Zé Amaro não tem a quem transmitir a sua "arte" e sua relativa independência com relação ao senhor de engenho que ele herdou de seu pai, mestre-seleiro em Goiânia, homem com uma morte nas costas (17). Zé Amaro tem um compadrio horizontal com Vitorino Papa-Rabo, primo pobre de Zé Paulino, que tem apenas um sítio como um morador de qualquer engenho. Adriana (mulher de Vitorino) que trabalha como capadora de frangos de engenho em engenho, sustentando seu marido D. Quirote, somente casou-se com ele para não ficar "moça-velha" — tal como Sinhá — e ambas somente tiveram um filho. Os dois compadres, figuras que contestam a ordem social, Zé Amaro por sua revolta contra os senhores de engenho, Vitorino, político da oposição, são ambos discriminados pela maioria dos moradores: o último é sempre debochado, o primeiro é tido como lobisomem.

É interessante notar-se que a semelhança de Capitão Tomás e Lula com Zé Amaro — suas "esquisitices" com relação ao destino das filhas e à impossibilidade de reproduzirem na geração seguinte o que são atualmente — não custam aos dois primeiros a "morte social" que sofre Zé Amaro, e que o leva finalmente ao suicídio. Essa "morte social" é devida, mais do que à sua vida familiar (18), ao fato de que Zé Amaro contesta a ordem social, por sua independência com relação ao patrão, sua dignidade de mestre de ofício, sua condenação à adulação de certos trabalhadores ao patrão. Ele chega a engajar-se na rede de apoio ao bando do cangaceiro Antônio Silvino, sendo um militante devotado. Essa contestação de Zé Amaro está fora do alcance da maioria dos moradores (não a Alípio, ao cego Torquato, ao morador Manuel de Úrsula ou a Vitorino) e é reinterpretado pelo "povo do engenho" como um lobisomem.

## 2 — A FAMÍLIA E A USINA

O poder dentro da linhagem dos Melo, que dominam a Várzea da Paraíba, sofre modificações, com a transformação do engenho Santa Rosa na usina Bom Jesus. Se, no passado, a liderança de Zé Paulino na família baseava-se em um domínio político lentamente construído (19), o novo domínio de Juca — construído às pressas devido à falência de Carlos e à emergência da usina vizinha amea-

---

(17) Carlos, Zé Amaro e Lula são marcados pela excepcionalidade de seus respectivos pais.

(18) O próprio Zé Amaro acha que é tido como lobisomem devido ao fato de ser "um pai sem coração, um marido desnaturado" (Fogo Morto, cap. 8, p. 129), devido aos apereios que lhe causa a filha doente e a culpa de tal fato que ele atribui à sua mulher. Fogo Morto, ed. José Olímpio, 11.<sup>a</sup> edição, 1971.

(19) Zé Paulino chegou a representante da Guarda Nacional no município.

quando a independência econômica da família — baseia-se na dominação econômica da família, transformando cada casa-grande pertencente à família extensa em fornecedora da usina. Juca não é mais um primeiro entre pares como Zé Paulino (senhor de engenho entre senhores de engenho) mas detém através da usina, o monopólio da compra da cana dos engenhos da família extensa, e desta forma o controle econômico da família.

Além desta modificação na composição do poder dentro da família extensa dos Melo, a própria família nuclear residente na casa-grande da usina sofre modificações.

No engenho, a senhora de engenho exerce grande parte da função de redistribuição do senhor de engenho. É ela que redistribui alimentos e remédios para escravos e trabalhadores, é ela que lida diretamente com os empregados domésticos, e é através da cozinha que muitos moradores têm acesso ao assistencialismo da casa-grande. Assim, tia Maria, chamada "Dona Maria Moça", é muito querida pelos trabalhadores, Dona Amélia do Santa Fé, é admirada pelos moradores do Santa Fé, por sua maneira calma de falar, a ausência de D. Dondon na casa-grande da usina é lastimada pelos moradores.

Na usina, a mulher perde sua função na casa-grande, operando-se geralmente uma distinção entre a usina, local de trabalho, e a moradia principal da família nuclear do usineiro, na cidade. Assim D. Dondon, a mulher de Juca, vai morar na cidade, lamenta os tempos de engenho, quando, além de ter uma função social a mais da socialização dos filhos, ela (em parte por isso) pode se apropriar mais da pessoa de seu marido. A casa-grande da usina é, usualmente, uma casa sem mulher — e essa característica permanece até hoje. A usina São Felix aparece, nos romances, personificada por Dr. Luís; sua mulher e filhos não aparecem. O caráter familiar dos engenhos tende a desaparecer nas usinas, que tendem a transformar-se em sociedades anônimas.

Compreende-se assim que a função de redistribuição do senhor de engenho, função pela qual ele é representado como uma figura paterna, repousa em grande parte na complementação da senhora de engenho, que cumpre uma função assistencialista e é representada como uma figura materna. Sem "mãe", desaparece na usina a figura do "pai", para os moradores.

Cabe aqui discutir-se ligeiramente a importância dada por muitos historiadores às relações paternalistas na *plantation* brasileira e a dificuldade que se coloca na compatibilização entre a importância das relações de parentesco apontadas nessa formação social e as relações entre as classes sociais (Oliveira Vianna, Caio Prado). Essa compatibilização poderá se esboçar levando-se em conta o papel mediador do senhor de engenho com relação aos moradores, que assegura a comunicação deste com o mundo exterior. Seu papel de

redistribuição, ao mesmo tempo que isola os trabalhadores entre eles, faz com que eles dependam de suas relações instáveis com esse "pai" redistributivo simbólico, que possui o monopólio quase completo de sua força de trabalho (20). Essa relação simbólica de "paternidade" dissimula no entanto uma relação de dominação de classe; relação de dominação essa que é sentida particularmente por Zé Amaro, artesão, morador do Santa Fé, cuja lucidez é digna, segundo o fetichismo dominante nos outros moradores, de um lobisomem. Já a "lucidez" de Feliciano, que tem atitude semelhante à de Zé Amaro, morador expulso de seu sítio pela usina, é no entanto compreendida, no contexto da usina, pelos moradores em geral, quando depois de sua morte é tomado como um santo (cf. *Usina*, capítulo XV).

Com a usina, desapareceram para o usineiro, as "cabras-aman-tes" do engenho: o usineiro vai procurá-las lá onde sua (delas) *elite* vai estabelecer-se, entregando o tributo do valor de troca de seu corpo às donas dos prostíbulos da cidade. Os filhos naturais da família da casa-grande cessam de se reproduzir. A prostituição nos domínios da usina e nos engenhos, no entanto, começa a proliferar, sobre a base favorável da herança representada pela família matrifocal, em escala ampla, e é uma alternativa freqüente na vida das filhas dos moradores dos engenhos. Em *Usina*, é o barraqueiro que assume o papel de antigo senhor de engenho, tendo amantes nas filhas dos trabalhadores, devido ao poder que confere a sua posição social. A prostituição também aumenta devido à crescente procura pelos contingentes de trabalhadores sazonais.

A matrifocalidade, no período de engenho, e depois a prostituição, refletindo a ameaça constante de destruição da família dos trabalhadores, reflete bem a medida em que a dominação de classe exercida sobre os trabalhadores repercute sobre sua família: a família constantemente ameaçada de uma classe é o complementar da família estabelecida da classe dominante.

A usina São Felix acaba vencendo a concorrência com a usina Bom Jesus, dos Melo, e domina a várzea do Paraíba, tomando-a das mãos de uma família extensa que detinha o poder da região há quatro gerações. Além da mudança econômica da área — a família extensa tendo montado uma usina tardiamente, com forte concorrente estabelecida — o próprio desenrolar da sucessão pelo poder dentro da família extensa leva ao seu enfraquecimento.

Juca, primeiramente, fugiu à responsabilidade familiar de suceder a Zé Paulino: casou-se e fugiu à regra da patrilocalidade. Foi tomar conta de um engenho doado pelo sogro. Assim, ele perde a

(20) cf. *Latifundium et Capitalisme, Lecture Critique d'un Débat*, Moacir Palmeira, cap. 4: Propositions, thèse de 3e cycle, Paris, mimeo.



sucessão para Carlos que tem a família a seu lado, defendendo as regras de residência. Quando Carlos vai à falência, Juca tem a iniciativa de reunir a família extensa, levando-a a buscar uma solução para enfrentar o surgimento das usinas, fundando uma, e reconquistando o Santa Rosa como centro dominante da família extensa. No entanto, Juca não sucedeu ao pai, segundo as regras familiares — ele pôde reconquistar o lugar que perdera devido a uma situação econômica de emergência. Sua relação com a família extensa torna-se predominantemente econômica — os parentes são sócios de Juca, mas são de fato reduzidos à posição dependente de fornecedores, submetidos ao monopólio da usina. Para mantê-los nessa posição, e manter-se como maior dirigente, Juca é obrigado a associar-se com comerciantes da cidade e capitalistas americanos. Ele é o mediador entre a família e esses grupos econômicos. A família extensa aceita devido às promessas de lucros futuros maiores que os já existentes no presente. A família extensa, no entanto, não está preparada para resistir a uma crise devido à baixa de preço do açúcar. Como eram as relações econômicas que uniam a família extensa a Juca, essas relações econômicas, agora em crise, afastam a família de Juca, criticando-o ainda mais quando o controle de parte da propriedade passa virtualmente aos credores da usina. Tio Lourenço e o coronel Trombone, parentes de influência política antiga na família extensa, recusam-se a tomarem em mãos o negócio, ainda mais porque estavam incompatibilizados com o tipo de dominação exercida por Juca sobre a família. Ao mesmo tempo que a oposição a Juca se avoluma com a crise da usina e ela não consegue unificar-se em outras bases para tomar em mãos sua direção, aumenta a tendência à extinção da família extensa enquanto poder econômico unificado, vindo a submeter-se economicamente a um não-parente, a Usina São Felix. Por não ter respeitado as regras familiares, falta o apoio da família extensa a Juca, a qual se desagrega com ele.

A não observância por Juca do modelo tradicional do engenho — explicitada na regra de residência, na sucessão do pai, nas relações com a família extensa enquanto seu líder (dominação econômica) — é cobrada a ele pelo grupo familiar no momento de seu “juízo final” enquanto usineiro. Na medida em que Juca fracassa, ele não consegue nem reproduzir a figura do pai enquanto senhor de engenho-chefe da família extensa, nem produzir a nova figura de Zé Paulino correspondente à época das usinas, e o peso da crítica da família desaba sobre ele, embora a família desabe com ele.

# TERZO MONDO

## RIVISTA TRIMESTRALE DI STUDI, RICERCHE E DOCUMENTAZIONE SUI PAESI AFRO-ASIATICI E LATINO-AMERICANI

Diretta da UMBERTO MELOTTI

ANNO VI N. 19-20

MARZO-GIUGNO 1973

### SOMMARIO

<i>Commenti</i>		
Giovanni Bianchi	Cristiani e internazionalismo operaio	8
<i>Saggi</i>		
Samir Amin	Per una strategia alternativa di sviluppo autocentrato	15
<i>Note</i>		
Marlo Aglieri Rinella	La cooperazione cinese con i paesi in via di sviluppo	28
<i>Rassegne</i>		
Marco Ingrosso	Modelli socio-economici di interpretazione della realtà latino-americana: da Mariátegui ad André Gunder Frank	38
<i>I nostri temi</i>		
Luciano Pellicani	Le rivoluzioni del Terzo Mondo	77
<i>Attività</i>		93

### TERZO MONDO

Direzione, Redazione, Amministrazione: via G. B. Morgagni, 39-20129  
Milano — Tel. 260.041

ABBONAMENTI 1973: ordinario L. 4.000; d'amicizia L. 5.000; sostenitore L. 10.000. Versamenti sul conto corrente postale n. 3/56111 o con assegno.

SUBSCRIPTION/ABONNEMENT/SUSCRIPCION: US\$ 7 — By bank or money-orders.